

ANÁLISE DAS DEFINIÇÕES EM QUATRO DICIONÁRIOS SEMASIOLOGICOS DA LÍNGUA PORTUGUESA E PROPOSTAS DE EMENDAS¹

Renata Beneduzi
Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Resumo:

Este trabalho tem por objetivo apresentar uma análise das definições em quatro dicionários contemporâneos da língua portuguesa, a fim de verificar se as informações oferecidas são estritamente lexicográficas e se estão em conformidade com os princípios metalexicográficos que se utilizam da fórmula “genus proximus + differentiae specifica”. Para isso, selecionamos dois substantivos e um verbo e submetemos cada verbete a uma análise contrastiva entre os quatro dicionários. Além disso, a partir dos princípios metalexicográficos, tentamos elaborar alguns parâmetros que permitissem uma análise das definições. Dessa forma, pudemos perceber que as definições de nossos dicionários carecem de uma fundamentação teórico-metodológica para a sua redação, o que compromete uma boa compreensão por parte do leitor.

Palavras-chave: definição, dicionário, metalexicografia

Abstract:

This paper presents an analysis of the definitions in four contemporary Portuguese dictionaries, in order to verify if the offered information is strictly lexicographic and if they agree with the metalexicographic principles, which make use of the following formula “genus proximus + differentiae specifica”. To do so, we have selected two nouns and one verb and analyzed each lexical article contrasting the results found in each one of the four dictionaries. Besides that, based on the metalexicographic principles, we tried to establish some parameters that allowed us to analyze the definitions. In this way we perceived that our dictionaries’ definitions are lacking a theoretic-methodological basis for its writing, which makes the readers’ comprehension more difficult.

Keywords: definition, dictionary, metalexicography

Introdução

¹ Este trabalho é uma versão corrigida e ampliada da apresentação feita na seção de “Estudos Lexicográficos e Terminológicos II” do XV Salão de Iniciação Científica da UFRGS. Um resumo do trabalho pode ser encontrado no *Livro de Resumos do XV Salão de Iniciação Científica*, Porto Alegre: UFRGS, 2003 (com edição também em CD-Rom).

Aluna do curso de Bacharelado em Letras – Hab. Tradutor – Português e Espanhol e bolsista do programa PIBIC/CNPq-UFRGS no Projeto de Pesquisa “Pequeno Dicionário de Falsos Amigos Espanhol-Português” sob orientação do Prof. Dr. Félix Valentín Bugueño Miranda.

Este trabalho está inserido em um projeto que visa a elaboração de um dicionário de falsos amigos Espanhol-Português. Para elaborar as definições presentes em tal dicionário, passei a analisar, primeiramente, a microestrutura de quatro dicionários-padrão de língua portuguesa: Ferreira (1999), Michaelis (1998), Houaiss (2001) e Borba (2002), visando a estabelecer o quanto as informações contidas nesses dicionários poderiam ser aproveitadas para a redação de nossas próprias definições no dicionário de falsos amigos (uma visão do conjunto do projeto pode ser encontrada em Bugueño, 2003).

A análise aqui apresentada dedica-se exclusivamente ao estudo da qualidade² das definições³, particularmente de substantivos e verbos. Para isso, consideramos importante levar em consideração seu aspecto formal. Além de saber o que dizer, o lexicógrafo deve sempre estar preocupado em encontrar a melhor forma de dizê-lo. Por isso, “hay que distinguir entre el nivel conceptual y el nivel de la formalización dentro de una lengua” (Baldinger, 1977:87), ou seja, o lexicógrafo não deve apresentar somente uma representação de estruturas conceituais (metalinguagem de segundo nível), mas também uma definição dentro dos padrões formais da língua. No entanto, uma das maiores dificuldades da prática lexicográfica é justamente transpor o limite entre os sememas (representações conceituais) e os lexemas (termos da definição).

1. Metodologia

Martinez de Souza (1995, s.v. *definición lingüística*) destaca algumas características que toda definição deve apresentar para ser considerada aceitável. Para esse autor, a definição deve ser concisa (apresentar as informações essenciais em um único período), abrangente (corresponder rigorosamente à unidade léxica que define) e circular (substituir o termo definido sem alterar sua significação). A partir dessas características, tentamos estabelecer alguns parâmetros que pudessem ser utilizados para uma análise contrastiva de algumas definições de substantivos.

A fim de obter concisão, acreditamos que uma definição deveria apresentar um único período, com uma linguagem adequada ao público leitor⁴ e onde as informações

² Entendemos por qualidade, a adequação de uma definição aos princípios metalexicográficos; no presente trabalho, especialmente, será considerado o respeito à fórmula do “genus proximus + differentiae specifica”, além da presença de informações essencialmente lexicográficas (em oposição às informações de caráter enciclopédico).

³ Uma análise mais profunda dos aspectos sintáticos, semânticos, morfológicos e pragmáticos poderá ser desenvolvida em um futuro trabalho. Além disso, não analisaremos as marcas diatópicas presentes em alguns verbetes, pois não há possibilidade de uma comprovação dos dados oferecidos nos dicionários, visto não haver um atlas lingüístico pronto de nosso país (sobre o estado da questão dialetológica no Brasil v. Leite e Callou, 2002).

⁴ Para esses conceitos v. Landau (2001, p. 153-182). Trata-se de uma ótima introdução ao problema das definições, pois apresenta recomendações muito úteis para a análise e elaboração de verbetes em dicionários semasiológicos monolíngues.

que ajudam à compreensão, mas não fazem parte da definição propriamente dita, aparecessem sob a forma de “contorno da definição”⁵, isto é, como um complemento da mesma. Para alcançar a abrangência, sugerimos que as definições fossem construídas sob a fórmula “genus proximus + differentiae specificaе”, isto é, apresentassem um hiperônimo e seus especificadores próprios. Por fim, a circularidade seria obtida pela construção de uma definição que respeitasse o isomorfismo morfológico e permitisse a substituição do lexema pela paráfrase definidora.

Para uma análise mais profunda e elaborada de cada acepção, decomposemos as definições por seus constituintes, a fim de identificar todos os semas utilizados para a elaboração de tais definições. A partir desse estudo, pudemos constatar que muitas das informações contidas nos verbetes, além das enciclopédicas, constituíam virtúes e não semas, ou seja, não representavam os traços fundamentais do lexema, como “cultivada ou selvagem” (s.v. *abacaxi*, ac. 1) do dicionário de Ferreira (1999).

Dessa forma, os dados obtidos foram inseridos em uma tabela; no entanto, precisaram ser reorganizados para a elaboração de uma nova, na qual pudéssemos identificar apenas os semas de cada definição. Para ilustrar esse estudo, apresentamos, em anexo, a segunda tabela construída, contendo apenas os semas do verbo *abacaxi* em suas acepções correspondentes a “fruto” e a “coisa”.

2. Análise

Em um dicionário semasiológico⁶, como os quatro analisados, a definição lexicográfica deve ser constituída por uma paráfrase, utilizada como equivalente de um lexema. Tal definição deve preocupar-se primeiramente em explicar o que a palavra em questão significa (“metalinguagem de conteúdo”) e não o que é, como e para que se emprega (“metalinguagem de signo”). Porém, é comum encontrarmos em nossos dicionários uma alternância entre as duas metalinguagens dentro de uma mesma definição, como em Michaelis (1998, s.v. *abacaxi*, ac. 3): “alcunha dos portugueses no Rio de Janeiro”. Nesse exemplo, o dicionário explica, mas não define a palavra-entrada. Além disso, a localização geográfica deveria aparecer em um contexto separado da definição (ou no primeiro enunciado), por caracterizar a metalinguagem de signo e não de conteúdo. Assim, uma possível solução seria: “RJ. Nativo de Portugal”⁷.

A definição lexicográfica também deve apresentar uma exposição suficiente (e não exaustiva) do significado do vocábulo. No entanto, muitos dicionários não estabelecem um limite entre o significado de um vocábulo e de seu referente, o objeto

⁵ Para um estudo mais aprofundado sobre a utilidade do contorno nas definições v. Seco (1987, p. 35-45).

⁶ Entende-se por dicionário semasiológico, aquele que apresenta a explicação do significado de determinada palavra, geralmente sob a forma de uma definição (cf. Hartmann e James, 2001, s.v. *semasiological dictionary*). O conceito de dicionário semasiológico é visto em oposição ao de dicionário onomasiológico, no qual são apresentados conceitos ou expressões de significado particular, seguidos de uma lista de termos que podem ser utilizados para expressá-los.

⁷ A marca diatópica ainda necessita ser confirmada.

extralingüístico. Assim, encontramos muitas vezes definições que se referem às coisas e não às palavras, como no exemplo que segue, retirado de Ferreira (1999):

Bras. Angol. Bot. Planta da família das bromeliáceas (*Ananas sativus*), cultivada ou selvagem, cuja parte comestível é infrutescência carnosa resultante do crescimento e da coalescência de todas as flores da inflorescência. Tanto a infrutescência como o caule encerram uma enzima proteolítica que pode ter o mesmo emprego que a papaína. (s.v. *abacaxi*, ac. 1)

Esse tipo de definição, contendo uma informação “enciclopédica”, não é de muita utilidade para o leitor que busca descobrir o significado da palavra *abacaxi*, pois utiliza uma linguagem excessivamente especializada. Além disso, a primeira acepção do vocábulo *abacaxi* diverge entre os diferentes dicionários. Isso ocorre porque não existe um consenso teórico a respeito da ordem em que devem aparecer as acepções. Como já vimos que alguns dicionários utilizam conceitos enciclopédicos em algumas definições, esses conceitos são também transportados para a classificação das acepções. Assim, em três dos dicionários analisados a primeira acepção corresponde à planta e a segunda, ao fruto. No entanto, optamos por elaborar nossa definição seguindo a classificação do dicionário de Borba (2002), que apresenta a fruta em primeiro lugar. Acreditamos que essa ordem facilita a compreensão do leitor, que ao ter um maior contato com a fruta passa a identificar a planta produtora a partir dela. As definições que sugerimos seriam:

1. Fruta grande, escamosa, de forma cônica e coroa espinhosa, com polpa aromática e carnosa.
2. Planta produtora dessa fruta.

Optamos pelos hiperônimos “fruta” e “planta” por serem de mais fácil compreensão para um leitor comum. Além disso, parece importante salientar que o hiperônimo “frutificação” (s.v. *abacaxi*, ac. 1), utilizado por Borba (2002), carece de uma explicação teórica, pois *abacaxi*, nessa acepção, corresponde a um substantivo concreto e “frutificação”, a um substantivo abstrato de processo.

Nas definições que classificam *abacaxi* através do hiperônimo *coisa* ou *pessoa*, encontramos divergências no que se refere às especificações. Em Ferreira (1999, s.v. *abacaxi*, ac. 4), temos: “coisa ou pessoa desagradável, maçante, chata”; em Michaelis (1998, s.v. *abacaxi*, ac. 6), “tudo quanto é indesejável, inútil, perigoso, prejudicial etc”; em Houaiss (2001, s.v. *abacaxi*, ac. 4), “coisa ou pessoa maçante, desagradável” e em Borba (2002, s.v. *abacaxi*, ac. 4), “tudo o que é indesejável e perigoso; coisa complicada e trabalhosa”. Podemos perceber que as duas últimas acepções parecem haver sido inspiradas nas primeiras, o que garante sua semelhança. Assim, não há como estabelecer os critérios que levaram dois dicionários a classificar o vocábulo *abacaxi* como algo “maçante” e os outros dois como “perigoso”. Está claro que tais semas não compartilham o mesmo significado e, por isso, apresentamos apenas uma possível

solução, conscientes de que ela não resolve o problema, pois esta acepção necessita de um estudo ainda mais aprofundado: “coisa desagradável”. Com essa definição, não se justifica se a “coisa” é desagradável por ser maçante ou por ser perigosa. Além disso, nossa definição eliminou o sema *pessoa*, pois não encontramos uma forma de respaldar essa asseveração, que não aparece nas abonações dos dicionários. Outro aspecto a destacar é que, como duas das definições são introduzidas por dois hiperônimos e as outras duas por um pronome, em nenhum dos casos pode ser aplicada a substituição. Ainda nessa acepção, se nos detivermos à proposta de Borba (2002), podemos perceber que une duas acepções diferentes, que aparecem separadas nos demais dicionários.

Nas definições de *abacaxi* como “problema”, geralmente encontramos como hiperônimo a palavra *coisa*, que por ser extremamente genérica constitui um excelente “genus proximus”. No entanto, as especificações que acompanham esse hiperônimo não definem a palavra, constituindo apenas uma lista de sinônimos, alguns dos quais, inclusive, explicados por paráfrases, como em Houaiss (2001): “trabalho complicado, difícil de ser feito” (s. v. *abacaxi*, ac. 3). Como trataremos mais adiante, a sinonímia não constitui uma boa forma de definição, por isso apresentamos a seguinte solução, utilizando uma paráfrase: *coisa de difícil solução*.

Destacamos a definição de *abacaxi* como “coisa ruim” (s.v. *abacaxi*, ac. 5) em Borba (2002) por respeitar todos os parâmetros estabelecidos. Essa definição de *abacaxi* está construída em um único período, com linguagem simples e sem a interferência de um contexto. Além disso, apresenta um hiperônimo e um especificador, inicia por um substantivo e possibilita a substituição.

Em Ferreira (1999) encontramos ainda duas entradas para o lexema *abacaxi*, uma delas referente ao fruto e outra referente a um topônimo. No entanto, após pesquisarmos em dicionários etimológicos da língua portuguesa, como Cunha (1994) e Machado (1986), constatamos não haver justificativa para tal separação, pois *abacaxi* apresenta uma única origem tupi, que foi utilizada para nomear a fruta e também um rio. Acreditamos que seria mais coerente apresentar as duas acepções dentro de um único verbete.

Assim, apresentamos nossa proposta de definição para o verbete *abacaxi*:

1. Fruta grande, escamosa, de forma cônica e coroa espinhosa, com polpa aromática e carnosa.
2. Planta produtora [dessa fruta].
3. Coisa desagradável.
4. Coisa de difícil solução.
5. *RJ*. Indivíduo nascido em Portugal.
6. Tribo indígena que habitava às margens do rio ~.
7. Indivíduo dessa tribo.

8. Relativo a essa tribo.⁸

Após a análise do substantivo concreto, passamos a estudar a palavra-entrada *bondade*. Uma das maiores dificuldades encontradas para definir esse substantivo abstrato foi identificar um hiperônimo apropriado para cada acepção, pois a grande maioria das definições apresentava apenas uma lista de sinônimos. Nessa fase da pesquisa, estamos tentando estabelecer critérios que nos permitam identificar as acepções entre si, para que não incorramos no mesmo erro dos dicionários analisados, apresentando alguns hiperônimos indistintamente.

Em Ferreira (1999) encontramos as seguintes definições: “qualidade ou caráter de bom” (s.v. *bondade*, ac. 1) e “benevolência, indulgência, benignidade, clemência” (s.v. *bondade*, ac. 2). Acreditamos que essas definições poderiam ser reagrupadas em uma única, pois expressam semanticamente o mesmo, apenas de forma diferente. Tal solução foi apontada em Houaiss (2001): “qualidade de quem tem alma nobre e generosa, é sensível aos males do próximo e naturalmente inclinado a fazer o bem; benevolência, benignidade, magnanimidade” (s.v. *bondade*, ac. 1). No entanto, como já foi mencionado, a forma de definição que apresenta uma lista de sinônimos não é a mais recomendada, pois não explica a palavra-entrada e leva o leitor a uma série de consultas sucessivas ao dicionário. Tal situação pode ser observada se buscarmos os sinônimos que definem *bondade* no Houaiss (2001):

benevolência s.f. (sXV cf. IVP) qualidade ou virtude de benévolo 1 bondade de ânimo para com algo ou alguém 2 magnanimidade (para com os que estão sob orientação ou comando); complacência, transigência

benignidade s.f. (sXIV cf. IVP) qualidade ou virtude do que é benigno

magnanimidade s.f. (sXV cf. FichIVPM) 1 qualidade do que é magnânimo; generosidade, bondade 2 atitude daquele que é magnânimo

Esse problema representa o que Martínez de Souza (1995, s.v. *definición*) chamou de “círculo vicioso na definição”.

A definição através de sinônimos constitui, ainda, um grave erro metodológico em dicionários semasiológicos. Os dicionários de orientação semasiológica devem caracterizar-se pelas definições através de paráfrases, a fim de oferecer ao consultante o significado de uma palavra e não uma relação de outras palavras que compartilham parte do mesmo conteúdo semico; afinal, sabemos que não existe sinonímia perfeita e essa posição da maioria dos dicionários encarrega o leitor de uma decisão que deveria ser tomada pelo lexicógrafo: a de decidir qual ou quais palavras substituem a palavra-entrada. A proposta de definição que apresentamos para a primeira acepção do vocábulo *bondade* seria: “tendência a praticar o bem”.

⁸ Redação provisória, pois se refere a um adjetivo.

Para o estudo dos verbos, selecionamos o lexema *assistir*. Percebemos que a fórmula “genus proximus + differentiae specifica” era válida somente para os verbetes substantivos e passamos a elaborar novos critérios para a análise dos verbos. A partir dos princípios metalexiconográficos expostos no início deste trabalho, constatamos que o contorno deve fazer parte da definição dos verbos, pois apresenta os complementos que são fundamentais para a compreensão do leitor. Assim, analisando todas as acepções do verbo *assistir* nos quatro dicionários, percebemos que em nenhuma o contorno aparecia ou, quando aparecia, era na forma de conteúdo da definição.

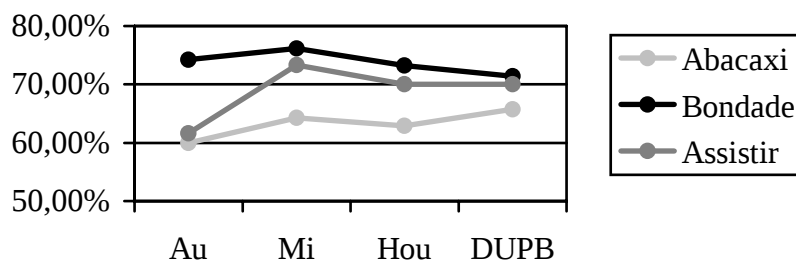
Em Houaiss (2001), encontramos “estar presente a determinado acontecimento, fato, ocorrência etc., observando-o e acompanhando o seu desenrolar; presenciar, testemunhar, ver” (s.v. *assistir*, ac. 1). O conteúdo sêmico fundamental dessa definição é apenas “estar presente”; o demais funciona como um contorno, pois é fundamental para que o leitor compreenda o significado do verbo *assistir* em sua totalidade. Outro problema que encontramos nas definições dos verbos foi estabelecer o limite entre cada uma das acepções, pois enquanto Houaiss, por exemplo, reúne uma série de informações em sua primeira acepção, Borba (2002) apresenta a seguinte divisão: “presenciar” (s.v. *assistir*, ac. 2) e “ver” (s.v. *assistir*, ac. 3). Assim, cada dicionário apresenta sua própria reunião de semas para cada acepção e, até o momento, não pudemos estabelecer um limite preciso entre cada acepção para elaborar nossas próprias definições. Uma possível solução que apresentamos seria:

1. Presenciar [um fato].
2. Ver [um fato] (estando presente ou não)

Temos consciência de que tal divisão carece ainda de um estudo mais aprofundado, de forma que possamos justificar de maneira precisa nossa decisão e não a transformemos em uma escolha arbitrária, a qual criticamos nos dicionários analisados. Além disso, é necessário fazer um estudo sobre as valências para elaborar as definições dos verbos e, até o presente momento, não foi possível iniciá-lo.

3.Resultados

Com base nos indicativos parciais de nossa análise, através dos parâmetros estabelecidos no início da pesquisa, pudemos gerar um gráfico com a média de cada um dos dicionários para os verbetes analisados.



Considerações Finais

Os resultados obtidos nos permitiram perceber que:

- As definições dos dicionários analisados confundem metalinguagem de signo e metalinguagem de conteúdo.
- Muitas das informações contidas nos verbetes são virtuemias (enciclopédicas ou não) e não semas propriamente ditos.
- A uniformidade dos resultados na avaliação dos dicionários significa que todos ocupam uma posição mediana no que se refere à qualidade das definições.
- O acima exposto pode ser explicado pela ausência de critérios teórico-metodológicos subjacentes à elaboração das definições. Os dicionários equilibram erros e acertos, pois são elaborados de forma quase intuitiva.
- Em vista dos resultados obtidos, faz-se necessário elaborar critérios próprios para as definições do dicionário de falsos amigos.

Referências Bibliográficas

- BALDINGER, Kurt (1977). *Teoría semántica: Hacia una semántica moderna (I)*. Madrid: Alcalá.
- BORBA, Francisco da Silva (2002). *Dicionário de usos do português brasileiro*. São Paulo: Ática.
- BUGUEÑO MIRANDA, Félix V (2003). *Consideraciones para um nuevo diccionario de falsos amigos español-portugués*. Polifonia, Cuiabá, v. 6, p. 103-127.
- CUNHA, Antônio Geraldo da (1994). *Dicionário etimológico nova fronteira da língua portuguesa*. 2.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda (1999). *Novo Aurélio. Dicionário da língua portuguesa: século XXI*. 3.ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira.

HARTMANN, R. R. K. & JAMES, Gregory (2001). *Dictionary of lexicography*. London: Routledge.

HOUAISS, Antônio (2001). *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.

LANDAU, Sidney (2001). *Dictionaries: the art and craft of lexicography*. Cambridge: CUP.

LEITE, Yonne & CALLOU, Dinah (2002). *Como falam os brasileiros*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Michaelis: Moderno dicionário da língua portuguesa. 4.ed. São Paulo: Melhoramentos, 1998.

MACHADO, José Pedro (1967). *Dicionário etimológico da língua portuguesa*. 2.ed. Lisboa: Confluência.

SECO, Manuel (1987). La definición lexicográfica. *In: Estudios de lexicografía española*. Madrid, Paraninfo: 15-45.

MARTÍNEZ DE SOUZA, José (1995). *Diccionario de lexicografía práctica*. Barcelona: Bibliograf.